LUIS DE ALMEIDA BRAGA

O SENTIMENTO NACIONALISTA

EDIÇÃO DO "DIONYSOS"

MENSARIO DE
ESTUDANTES DA FACULDADE DE DIREITO
DE SÃO PAULO

S. d.

Digitalizado pela
Frente Integralista Brasileira
http://www.integralismo.org.br/
Deus - Pátria - Família

Discurso proferido na Faculdade de Direito de São Paulo, em 13 de Maio de 1921.

MEUS SENHORES: Nada podia ser mais querido ao meu coração e á minha inteligencia do que este encontro com a Mocidade Brasileira. Aprecio muito a honra de ser recebido aqui, — onde apenas tiveram entrada estrangeiros ilustrissimos, como Clemenceau e Ferri, e só foram ouvidos nacionais tão grandes como Ruy Barbosa e Olavo Bilac, — mas talvez ainda vos agradeça mais o gosto de vos vêr e de vos ouvir.

Não tomo para mim as gentilissimas palavras que me foram ditas: aceito-as como dirigidas pela juventude do Brasil á mocidade da minha terra. Não me saudeis a mim. Eu sinto que as vossas aclamações

chegam até êsses rapazes admiraveis, que nesta hora turva de agiotagem política enchem com as mais belas esperanças a jurada promessa do resgate de Portugal. Eu não sou aqui senão o seu arauto; e este é o meu único mérito.

Compreendo que a razão da minha presença nesta tribuna é o vosso desejo de mostrar interêsse pelos vossos camaradas portugueses. Folgo de vos trazer as suas saudações e de vos testemunhar que põem o maior empenho em estreitar convosco sólidos laços de amizade e confiança.

Uma grande e profunda reforma se está operando no espírito das novas gerações lusitanas. Mefistofeles perdeu o seu encanto. A vida é aceite como um encargo sério. Libertos do tédio pessimista que matou Antero de Quental, os rapazes portugueses de hoje, conscientes dos seus actos e da sua própria responsabilidade, confiando virilmente em si, compreendem a excelência da Ordem, a primazia da Ordem, e sentindo a dignidade e a necessidade de uma disciplina, entendem que criar é bem

mais belo, cem mil vezes mais belo que o voluptuoso prazer de destruir.

Ao negativismo dos companheiros literários de Eça de Queirós, opõe a geração actual uma vontade forte e crente. Então havia ainda quem fôsse procurar ao faiscante espólio dos românticos franceses aquele perdido sacramento que tornava o Artista um ser de excepção, sem leis e sem limites, atravessando o mundo encarregado duma missão divina.

A segunda metade do seculo XIX, (literariamente, pois sob o ponto de vista político toda a centúria foi mortal) representa, se bem que cheia do mais intenso brilho, uma edade profundamente nefasta. Antonio Candido, cuja sensibilidade, mais passiva do que criadora, reflecte ainda toda a inconsolada amargura dêsse tempo, notava em um dos seus maiores discursos: *"A imaginação rasteja, não vôa no azul; a propria razão parece que perdeu as suas plumas d'aguia"*. E logo adiante, dizia: *"Vê-de-me a arte d'hoje... Não deslumbra e não consola"*.

Ia uma grande tristeza pelo mundo. Não se ouviam senão melancólicos lamentos. Dir-se-ia que toda a fé estava morta. Vivia-se de negações. A maior elegância mental consistia em negar tudo, sorrindo tristemente, negar até a própria negação! Mas já há quem ouse afirmar com seriedade. Voltam os môços de hoje às coisas simples e normais. O que mais claramente os sepára dos seus predecessores, é a manifesta aversão pelo diletantismo egoísta e pela ironia pessimista. Uma poderosa necessidade de construcção e lógica, eis o que melhor caracteriza a feição do seu pensamento. Fugindo da confusão, do sentimentalismo vago, as modernas camadas intelectuais desejam e proclamam a superioridade da ordem, da clareza e do equilíbrio. A nova geração queimou os ídolos falsos que seus pais adoraram, e a chama dêsse braseiro imenso tornou-se para ela um fogo de Pentecostes.

Toda a crise dolorosa do nosso tempo consistiu no equívoco mantido entre a sensibilidade e a inteligência. Da incompreensão da vida e do desconhecimento dos seus

deveres primordiais deriva, por uma conclusão lógica, o pessimismo. Da negação da ordem apenas pode nascer a desordem, assim como um falso entusiasmo sem fim real não pode conduzir senão a um idealismo factício. Ora, o traço que, talvez, mais fundo distingue a gente nova de Portugal é o seu desprezo pela dúvida. Do mesmo modo que as gerações passadas eram negativistas, a mocidade contemporânea, guiada pelo misticismo da disciplina, afirma-se desejosa dum seguro dogmatismo. Esta geração compreendeu emfim que era um dever prender-se à obediência de uma regra única. Antes de reorganizar o Portugal moderno, entende que a primeira necessidade consiste em restabelecer a disciplina do seu próprio pensamento.

A obra de regeneração empreendida pelos novos escritores lusitanos seria apenas ilusória e estéril, se não estivesse revestida pela Fé. Só merece viver, quem exaltadamente cultiva em si as duas grandes virtudes do amôr e da vontade. Tendo achado o sentido da Vida e o valor do Homem, porque são artistas, os moços escritores con-

cluiram pela integração da sua arte na Fé. E assim como na fé cristã encontraram as inspirações da sua vida moral, nela acharam também a regra superior da sua actividade pública e social.

O pensamento da mocidade portuguesa marca-se por um largo e forte vôo para o ideal. A nossa alma, cançada de se sentir encolhida dentro dum materialismo rasteiro, quer erguer-se, subir à maior altura, tão alto que não encontre limites, e céu e terra se vejam confundidos!

Não é uma simples transformação de idêias que se está dando em Portugal. Modificou-se, criou-se a vontade. E lembrai-vos de que a vontade é a própria expressão do temperamento, quer dizer, é o mais difícil de modificar que ainda há. Por isso o estado de espírito da minha geração tem para mim o valor dum milagre. Milagre certo, porque deixa adivinhar a reconstituição da nossa unidade moral e porque é ainda a prova de que não minguou a chama do génio portugues.

Na agonia tumultuária do mundo moderno, a nova geração lusitana cultiva a

vontade como cultiva a inteligência, porque reconheceu existir entre estas duas forças uma estreita e rigorosa união. A vida tem um fim preciso, e toda a nossa vontade deve ordenar-se num só esforço para o atingir e bem cumprir.

A existência desta juventude laboriosa é formada pelo sentimento duma tremenda responsabilidade. A literatura não é para os novos escritores um divertimento nem uma curiosidade. Preocupados com a vida real, querem que a arte reconheça a vida. E assim terminam por afirmar que também a Arte deve servir a Nação.

Em nossa bôca a palavra *Pátria* ganha, como queria Fustel de Coulanges, o seu antigo e literal sentido: *Terra Patrum*, a Terra dos Avós, a Nação tal como os Antepassados a fizeram.

Vivemos todos sobre uma vasta sepultura. Escutemos a voz dos Mortos, que é conselho e lei dos vivos. *Les vivants sont gouvernés par les morts*, proclamava Augusto Comte. Palavra admirável, que traduzida em mais rasteira e menos urdida linguagem quer dizer que uma indestrutível solidarie-

dade une os pais aos filhos, e que na hora breve que passa não somos senão os usofrutuarios das energias que nos criaram.

E' nos mortos que a nossa sensibilidade e a nossa inteligência encontram a sua origem, é aceitando as condições de vida proclamadas por eles que poderemos tomar consciência da formação da nossa terra e das modalidades do seu espírito. Prendendo-nos a essa cadeia eterna, a nossa individualidade desenvolver-se-há no seu meio próprio, expandindo-se depois, generosamente, dentro das linhas características da nossa civilização.

Só debruçando-nos sôbre os túmulos aprenderemos as realidades misteriosas da vida. O culto dos mortos ensina-nos a pensar e a sentir. E' a sua alma que forma a nossa alma, e é nas energias por ela transmitidas que os sonhos seculares da raça ganham raízes novas para reflorir. Quando os nossos actos contrariam o Passado e o negam, ou são estéreis, ou envolvem-nos então naquela tristeza apagada e vil que precede o aniquilamento das nações.

Para que a planta humana cresça fortemente e venha a ser capaz de lançar braços ainda mais fortes, é necessario que ela absorva, num trabalho lento, quotidiano e obscuro, toda a seiva física e moral da terra onde as sementes humildes ergueram o grito orgulhoso da primeira flôr. Quási sempre um grande escritor ou um grande pintor, quando se vê perdido nas encruzilhadas do mundo e sofre a dolorosa ânsia libertadora de comunicar ao seu ideal um mais profundo sentido, encantadamente regressa aos motivos simples da gleba tutelar, áquele tranqüilo cantinho de paisagem que primeiro lhe acendeu os olhos e impressionou a inteligencia. Por isso as obras dos que não tiveram nunca um torrão familiar, onde também o coração deitasse raízes, jamais atingiram a larga curva do horizonte que buscavam.

Batido por todos os ventos do espírito, Júlio Lemaître viu-se um dia outra vez entre os alamos e os choupos da sua infância. No encanto íntimo dos estreitos caminhos da aldeia natal, pareceram-lhe vazias as grandes estradas por onde andára perdido.

E fazendo o seu exame de consciência, antes de partir para as batalhas duras do Nacionalismo, cuja origem profunda viera encontrar no humilde torrão do seu nascimento, confessava: *"Le peu que j'ai de sagesse, de douceur d'âme et de modération, je le dois à ceci, qu'avant d'être un homme de lettres (hélas!) qui exerce son métier à Paris, je suis un paysan qui a son clocher, sa maison et sa prairie"*.

A riqueza e o esplendor artistico da Grecia e da Italia, vem-lhes do carinhoso amor que as estreitou e ungiu. A' volta de Florença, — Lucques, Pisa, Siena, — estão clamando, na beleza doirada das suas ruínas, a intensidade da vida local que as animou outróra. E por toda a Flandres, a pompa moribunda dum passado distante assegura como cada cidade tivera o gosto de afeiçoar os seus artistas e os seus heróis, para que as pedras dos templos e das sepulturas ficassem duradoiramente erguendo uma fronteira acima da vida, através da morte!

Uma longa sucessão de vontades idénticas é que fixa no homem aquele grau de força que lhe permite desenvolver todas as

suas faculdades criadoras. Admiravelmente sentiu Barrès esta verdade, que os mortos da Lorena lhe ensinaram.

Maurice Barrès não é o idealista perverso da critica de Anatole France. Em Veneza ou em Toledo, diante de Tiepolo, carregado com os despojos da alma veneziana, ou vendo os requebros moles das danças espanholas nas tardes mornas de Andaluzia, sempre a saudade presente da Colina Inspirada lhe doira a imaginação e exalta os sentidos.

E' conhecendo a própria terra, e o esforço das gerações que a fizeram e amaram, que cada homem a si mesmo se poderá conhecer também. *A' suivre,* diz o romeiro melancólico de Sparta, *comment mes ancêtres ont bâtit leur pays, je retrouverais dans quel ordre furent posés les assises de moi-même.* E cada homem que de sua alma toma consciência, deixa uma sombra eterna no quadrante da vida, porque em suas mãos ergueu o facho que milhões de almas incendiaram!

Foi a meditação destas serenas verdades que levou a mocidade lusitana a encon-

trar uma regra de vida nas alamêdas umbrosas dos cemitérios, por onde seus pais divagaram á lânguida claridade romântica do luar enfêrmo. Para encontrar as leis do renascimento nacional é preciso sempre procurar as leis da formação nacional. Na reconstituição do nosso organismo político, segundo as exigências étnicas e o labor ininterrupto da tradição através de longos seculos, é que ainda havemos de achar a estabilidade que nos garanta a larga paz e a abundante fortuna. Tal é o pensamento do *Integralismo Lusitano,* que sendo já hoje uma força intelectualmente autónoma, é a mais limpida corrente de ideias que atravessa e fecunda a terra portuguesa.

O *Integralismo Lusitano,* concepção nacional da vida, da sociedade e da arte, simboliza as aspirações duma mocidade idealista e positivista, que parece ter tomado por divisa aquelas palavras latinas: "*nihil innovatur nisi quod traditum est*".

Na vida mental portuguesa o *Integralismo Lusitano* provocou um movimento de revisão de ideias, como se não tinha visto mais importante depois da Dissidencia de

Coimbra e das Conferências do Casino. No meio da imensa anarquia em que o seculo presente amanheceu, o *Integralismo Lusitano* é a bandeira duma doutrina de reacção, que nas suas linhas definidas compreende uma estética, uma filosofia, uma politica, uma sociologia nacionais.

Ramalho Ortigão, batendo no peito as grandes palmadas do arrependimento, veio então até nós, e a João do Amaral escreveu a celebre e corajosa *Carta de um velho a um novo,* que guardada hoje no volume das *Ultimas Farpas* é para a minha geração o pergaminho da sua nobreza intelectual. Gostareis de ouvir a palavra forte do companheiro de Eça de Queirós. Eu sei essa página quasi de cór: e ao dizêl-o agora, sinto ides ter a alegria do peregrino que encontra a agua clara de uma fonte cantando num longo areal esteril. Ramalho falou assim: "A orientação mental da mocidade contemporanea comparada á orientação dos rapazes do meu tempo estabelece entre as nossas respectivas cerebrações uma differença de nivel que desloca o eixo do respeito na sociedade em que vivemos obrigando a elite

dos velhos a inclinar-se rendidamente perante a elite dos novos.

Em face da batalha de sentimentos e de ideias no conflicto portugues dos nossos dias entendo que á ala dos veteranos cabe o dever marcial de apresentar as suas antigas armas a essa nova ala de namorados, que se não batem já pelo perecivel prestigio da sua dama mas pela belleza immortal da sua convicção, e batem-se não em combate fortuito, de torneio de gala, mas em pugnas regulares e successivas em que quotidianamente arriscam os seus interesses, a sua liberdade e a sua vida os redactores dos modernos jornaes monarchicos e os de publicações periodicas de tão consideravel importancia philosophica e educativa como a *Lusitania*, a *Nação Portugueza*, *Aqui d'El-Rei*, os *Cadernos de Mariotte*, a *Alma Portugueza*, a *Chronica Politica*, a *Entrevista*, etc.

A incontestavel superioridade d'essa pleiade estudiosa consiste em ter admiravelmente presentido a necessidade culminante da reeducação integral do povo portugues."

Vencida a indiferença e a ironia de muitos, apagado o sorriso dos sépticos, o *Inte-*

gralismo Lusitano tornou-se a carne e o sangue da Pátria portuguesa. Identificamos o nosso interêsse com o interêsse supremo da Nação. E é entoando um canto ardente de confiança na vida que nos lançamos no árduo trabalho de recompôr o desmantelado solar da Raça. Porque a Pátria é desgraçada, lhe devemos um amôr ainda maior. A resignação, o recolhimento e a paz podem ser o seguro caminho para a Tôrre Celeste em que a alma se abrasa no amôr de Deus; mas não é por lá que se chega ao alto da montanha donde se proclama a grandeza da Pátria. Assim como o sindicalismo foi o processo de redemção do proletariado perante as classes burguêsas, o perfeito sentimento de solidariedade de raça e de história há de ser, como a luz piedosa dos Magos, o guia certo dos nossos destinos nacionais.

E' um facto rial o princípio de que partimos: a Nação; é um sentimento comum o sentimento que nos anima: o sentimento nacional. Quando a França ameaçou a Alemanha, o cosmopolitismo de Lessing e Schiller converteu-se no nacionalismo de Fichte e Körner, e foi então que um povo, humi-

lhado e vencido, venceu e humilhou. E' que o cosmopolitismo traz consigo o desdêm pela terra natal, e, pregando o desprezo das glórias nacionais, descrê do futuro: é uma doutrina de morte; o nacionalismo, tendo por único fim a grandeza da Pátria, enche o coração do homem com o orgulho da sua raça e da sua civilização original, e ensinando-lhe a trabalhar para que o seu país seja o melhor e o maior do mundo, é uma fonte de amôr, de fé e de vida.

O nacionalismo é a maior força que anima os povos e os torna dignos de viver. Quando o culto das mais belas tradições nacionais entra em decadência e morre, morta está a Pátria, porque a mãos estranhas a infortunada terra vai sucumbir tambêm.

Depois de termos, durante mais de 50 anos, sofrido a invasão estética e filosófica do estrangeiro, já ganha terreno a aspiração de nos encontrarmos tais como desde sempre fomos, para que a Raça, liberta dos seus elementos étnicos inferiores, outra vez possa erguer-se ás cumiadas do Espírito Humano.

Entramos num período de organização definitiva. Começa a Edade Orgânica. O individualismo exasperado de meio seculo deu todos os frutos que era capaz de produzir. A árvore está sêca e vai morrer. Já os melhores dos nossos escritores e dos nossos artistas, como Antero de Figueiredo e Manuel da Silva Gaio, reconhecem a necessidade de se sujeitarem a uma disciplina que esteja alêm do seu próprio temperamento e que, até certo ponto, lhe seja estranha. Tendo compreendido quanta beleza e quanta nobreza se guarda na subordinação do indivíduo a um ideal colectivo e tradicional, na aceitação, livremente consentida, das leis misteriosas e eternas que regulam os destinos das raças, sentiram que essa nobre servidão altiva dava ás suas energias criadoras uma expressão mais brilhante, mais duradoira e mais completa.

Há uma arte literaria permanente, cujas necessidades se confundem com as mais intimas aspirações da alma nacional. Do mesmo modo que uma Nação, tambêm uma literatura não se improvisa. A arte, pela sua

própria origem, escapa ás vontades incertas, ás mudaveis fantasias dos indivíduos.

A arte é, e deve ser, nacional. Cada nação tem a sua arte. No dia em que aceita as influências artísticas de outro país, entrou no período da sua decadência. As obras de concepção estrangeira são-nos fundamente perniciosas, porque exercem sobre nós a influência de inteligências contrárias á nossa inteligência. Assim como existem fronteiras territoriais, que é necessário defender e, se é possivel, alargar, há também fronteiras espirituais, que não menos importa conservar e aumentar. O que faz a grandeza de um povo não é apenas a sua superfície territorial, a densidade da sua população ou a força do seu exercito: é sobretudo a beleza das suas artes, é o brilho do seu génio nacional.

E' pelo culto da Tradição que as nações se elevam e perduram. A rica e próspera Suíça, só porque quer viver, andou longamente e nobremente rebuscando todos os escaninhos do seu passado, até poder contar ao mundo que no legendário Guilherme Tell encarnara a alma da sua tradição.

Os escritores alemães de 1760, sentindo que a influência francesa contrariava e entorpecia o livre desenvolvimento das suas naturais inclinações, exaltadamente recorrem ao passado nacional, e procurando nele a afirmação duma arte autóctone, reivindicam o gótico e vão inspirar-se nas canções populares dos primitivos bardos teutões. Em cada cidade da Italia santa, Dante abre o seu livro de bronze para que os italianos ali ponham a mão como sobre os Evangelhos. A França leva Joana d'Arc aos altares, e porque sobre elas caiu o orvalho do céu já não murcharão mais as Flôres de Lis. Nunalvares anda connosco, e por baixo do escapulário traz ainda cingido o seu arnês de batalha. Mas, juntos, Portugueses e Brasileiros temos de erguer Camões, porque foi na oitava rima do Poeta que o espírito da nossa Raça ganhou vida imortal.

No escuro da noite que entristece a terra portuguesa, o Brasil dá luz como se fosse uma estrela. O movimento da civilização pode mudar o dominio intelectual do mundo e, deslocadas, as línguas actuais perderem o vigor e o prestígio que as anima. Nem assim

se apagará a sonoridade da nossa fala. A língua portuguesa, derradeira flôr do horto romano, dourada pelos reflexos do Mediterrâneo, ungida pelos bálsamos da Arabia e perfumada por todo o marinho aroma do Atlántico, transplantada para o fecundo sólo da América adquiriu ainda mais força, e mais graça, e mais ternura. Viesse chuva de fogo caír sobre Portugal, e nem assim ficaria sepulto, porque já está assegurado ter de cumprir-se a profecia posta por Garrett na bôca de Camões moribundo:

"Soberbo Tejo, nem padrão ao menos,
Ficará de tua glória? Nem herdeiro
De teu renome?... Sim: recebe-o, guarda-o,
Generoso Amazonas, o legado
De honra, de fama e brio: não se acabe
A língua, o nome portugues na terra."

Se Portugal é o rouxinol a suspirar na soledade do crepúsculo, o Brasil é a cotovia cantando na luz da madrugada.

O Brasil é o herdeiro universal de Portugal, seu filho morgado, porque dele não só recebeu o sangue, a língua, os costumes, mas até Camões e o seu Poema pertencem

agora ao vosso património. E' Afrânio Peixoto, o primoroso romancista de *A Esfinge*, quem vos diz que *os Lusíadas* são um livro vosso, "*domestico, nacional, que deve existir em todas as casas, que todos os brasileiros devem ler e saber, porque é a fé de oficio gloriosa da nossa raça*". E o grande Joaquim Nabuco, que na última fase da sua vida foi talvez o mais legítimo representante do génio latino, acentuava: "Os LUSIADAS *são o poema da colonização, dos continentes remotos e por conseguinte são o poema da construcção do Novo Mundo*". Como outro Mar, de mais quietas ondas, *os Lusíadas* unem as areias de Portugal ás praias do Brasil.

Nada melhor que a Arte conserva e enobrece a Tradição. A indústria, o comércio, a lavoura tornam a vida mais fácil, mas é a sciência, a arte e a literatura que lhe dão beleza e lhe dão encanto. Um povo sem literatura, diz o comovido Poeta das *Figuras de cinza e ouro*, seria um povo mudo, nascido como as ervas para ser pisado. A literatura é a clara linguagem da alma da Pátria, a embaladora voz que a entretem e

canta. Por isso o melhor escritor é aquele que mais enternecidamente e mais vincadamente sabe mostrar-se homem da sua raça.

Para lá da vontade dos governos, e da mesma sorte que as leis e as guerras, são as estátuas, os monumentos, as crónicas e os poemas que formam as nações. Os dramas de Shakespeare e os contos de Caucer criaram a nacionalidade britânica tanto como a *Magna Carta* do rei João e a ditatura de Cromwell. O mais poderoso factor da unificação nacional da França, o que deu forma ao seu espírito, unidade ao seu povo, superioridade á sua língua, foi, a par da forte acção pessoal dos Reis, a eloqüência de Bossuet e o génio de Pascal, o sorriso de Rabelais e as meditações de Descartes. Quando a unidade italiana veio a fazer-se no terreno político, já muitos seculos antes a arte e a literatura a tinham realizado moralmente. Emquanto os grandes capitães, Pelayo e o Cid, Jayme o Conquistador e Gonçalo de Córdoba, escreveram a história as lançadas; emquanto Fernando e Isabel e Carlos Imperador alargaram a Pátria unindo os seus diversos reinos, foram Afonso Sabio e Vi-

ves, Velazquez e Ribera, Cervantes e Calderon que ordenaram e afeiçoaram o espírito espanhol.

Se o povo que um dia caír escravo souber conservar o amôr da sua lingua, consigo terá sempre guardado o segredo da sua liberdade, — promete o verso célebre de Mistral. Ainda há ignorantes ou irreflectidos que julgam ser os Poetas, na vida do país, um simples ornamento. Para êsses, é uma verdade o paradoxo de Platão. Ora um poeta como Camões, animador e mantenedor do espírito nacional, é para a gente da sua fala um elemento essencial do banquete da vida, um pão de puro fermento que a admiração e a reflexão multiplicam. A sua obra, tal uma força da natureza agindo inteligentemente, a pouco e pouco produz, em todas as ordens do pensamento e através das mais altas ondas de incertezas e dificuldades, profundas e benéficas transformações.

Eu não sei de melhor formador de homens, nem conheço mais certo guia de acção que o poeta altíssimo de *Os Lusíadas*. A leitura dêsse poema é um estímulo constante aos mais nobres cometimentos da vida. Para

a gente da nossa língua e do nosso sangue, *os Lusíadas* não são um lugar de paz ou de meditação filosófica: são uma escola de todas as energias que se chamam audácia, vontade, amôr; numa só palavra, são uma lição de vida estrénua. Não é o silêncio das coisas mortas que, ao lê-lo, invade a nossa alma; é o clangor heróico duma trombeta épica que nos deslumbra e chama. Vinde ouvil-o também, lusíadas novos, meus amigos e meus irmãos! Uma geração que vá educar-se em Camões, vejo-a eu já heróica, forte, bela, máscula, palpitante de todas as energias primitivas da terra.

O Brasil de amanhã está no coração dos estudantes brasileiros de hoje. Que cada um de vós tome consciência bem nítida de si mesmo, e não tardará que a todos se revele a consciência nacional. Lembrai-vos de que o velho Anatole France terminou por empurrar o florido cancêlo do Jardim de Epicuro, para nos vir dizer que *un homme n'est rien quand il n'est pas le produit de sa terre.* Quanto mais fundo mergulham as raízes, mais alto cantam os ninhos. "*Toda a raça que esquece as suas origens começa*

a decahir: toda a raça que é indiferente á sua lingua começa a disolver-se", era o aviso constante de Nabuco. E era ainda êle quem gostava de repetir aquela passagem de Milton, que diz: "*Ainda não se viu citar um Imperio ou Estado que não prosperasse pelo menos medianamente emquanto conservou o seu amor e interesse por sua língua*".

Procurai nas tradições da vossa terra e da vossa língua as razões do vosso nacionalismo. Quando o divino Garrett quis fazer o elogio do poema de Basilio da Gama, não encontrou mais lindo modo de louvar senão dizendo que os brasileiros ali tinham a melhor corôa da sua poesia, porque no *Uraguay ela é verdadeiramente nacional e legitimamente americana*. E só isto o encantava mais do que a frase pura e sem afectação, mais do que a naturalidade dos versos, mais do que as grandes e belas pinturas ou as descrições primorosas.

Sempre a ideia de civilização andou ligada a um mais perfeito desenvolvimento da arte. Foi ainda o historiador eminente

de *Balmaceda* quem disse que *"uma humanidade somente interessada no presente, perdendo a pouco e pouco a sua memória, incapaz de gozar o que devera ser seu maior prazer, — o de viver de novo, pelas recordações, nessas idades da arte, da poesia e da lenda — fôra lastimoso espectaculo, embora cercada do maior progresso material imaginavel"*.

Bem sei que neste baluarte da individualidade brasileira, e feitas por mim, são descabidas estas recomendações. As paredes desta sala guardam ainda as palavras formosas de Bilac, quando, novo bandeirante, veio plantar aqui o primeiro padrão do vosso nacionalismo. Eu sei que desta ilustre Faculdade saíram homens como Luis Murat, Julio de Castilhos, Silva Jardim, Pedro Lessa, Theofilo Dias, Eduardo Prado, Assis Brasil, Valentim Magalhães, Fontoura Xavier, Alberto Salles, Raymundo Correa, que ao Brasil deram todo o sangue e toda a sua alma. Se insisti em mostrar o valor da tradição e o respeito que ela nos merece, é porque o nosso passado é comum, — galhos do mesmo cerne, a mesma raiz nos dá vida.

Convosco temos, fatalmente, que formar uma unidade política moral.

Recordai ainda uma vez a lição de Nabuco. Quanto mais escravo se sentia da courela brasileira, mais extensão ia tomando nele o seu amôr pelas coisas portuguesas. E uma profunda emoção se apodera de mim ao lembrar o empenho comovido com que procurou chamar a atenção dos Americanos do Norte para o Brasil, mostrando-lhes Camões. Êle bem compreendeu que a leitura de *os Lusíadas* era o melhor caminho para os interessar no estudo da História de Portugal, que por sua vez os conduziria, naturalmente, a admirar e a amar o Brasil.

O Brasil não é apenas uma das nossas glórias; é, como disse Oliveira Martins, a nossa *honra histórica*. Tomo por meu o *credo* de Afrânio Peixoto, e também eu desejo e espero — *"um Brasil prospero e eterno, que honre a cultura greco-latina, as tradições lusitanas, a sua propria história, das quais deve ter legitimo orgulho, que propague e cultive a língua portuguesa, da qual é depositario, e já hoje o maior responsavel"*.

O elogio do Brasil está escrito no livro afamado de um dos mais ardentes amantes que esta formosa terra ainda teve: Eliseu Reclus, o grande geógrafo moderno. Porque, ai de mim, não possuo a opulencia verbal de Euclydes da Cunha, não me perderei na loucura de louvar imperfeitamente a perfeita beleza. Melhor que eu, ainda chegado há pouco, todos conheceis os infinitos encantos da vossa Pátria. Mas se eu quizesse contar-vos as impressões do desembarque, não saberia de palavras mais verdadeiras e mais lindas do que aquelas que, no primeiro deslumbramento, ao venturoso Dom Manuel escreveu Pero Caminha: "*a terra é graciosa, e as moças, bem moças e bem gentis*"!

Terra da Vera-Cruz, cruzeiro florido, beijo do sol unindo o Estio e a Primavera, o Pão e a Flôr! O' terra *larga e grossa*, como em comovido arroubo a viu o Padre Manuel da Nobrega; *pintura do Paraiso terrestre*, como devotamente a batisou outro velho frade; milagre da eterna verdura nas graças da eterna chama!

O sol é o sorriso do Brasil; sua alma, a água dos rios; sua voz, cantando, são as on-

das do mar. E assim, entre risos e cantigas, sempre em flôr, a verde terra brasileira, perenemente moça, enche a ampla abada e diz: — olhai o meu thesoiro!

Aqui, o ar embriaga. A bôca sabe a lume. Há fogo no céu. O sol é uma abelha de oiro zumbindo. E a luz é uma labareda derretendo bronze. Meio-dia! E logo passa, leve, a aragem. Num arrepio febril, a moreninha tarde empalidece. Um tímido orvalho começa caíndo, tão brando, tão fino, que dir-se-ia a luz a desfolhar-se.

A sombra e a luz adormecem enleiadas num beijo fundo. Apressado, correndo, o crepúsculo sacode toda a cinza da tarde. Outra vez o céu, varrida a fuligem do sol, fica envolto em doce claridade. Aqui, a noite não é cheia de mêdos nem de mistério. Ao clarão vivo das estrelas, sob a benção larga do Cruzeiro, a noite parece dia. A noite é apenas um desmaio da luz: candeia que esmoreceu...

No jardim do escuro anda a garôa a borrifar as flôres. E eu cuido então que se as noites se tornam assim húmidas, é para que

á Aurora, manhãsinha cedo, possa banhar-se na bacia de prata das folhas das árvores.

Terra dos grandes rios luminosos, fortes como o grande, forte, luminoso mar, — um mar mais lento, mais socegado, de céu quieto e águas doces; terra fragosa das montanhas altas, onde as nuvens poisam, e as pedras bravas, sob a luz que as doira, faiscam as joias que no peito guardam... Terra das verdes florestas velhas, — como a vida, antigas, e como a vida, renovadas, moças... Terra dos cerrados matos, das grutas fundas, dos largos echos na imensidão, e da ternura voluptuosa, ardente, dos brandos corações, dos olhos meigos, das canções de amôr...

Terra da virtude austera de Manuel da Nobrega e da bondade santa de Anchieta! Penso ouvir ainda trabalhando as colmeias laboriosas dos Jesuítas na Bahia, no Rio, em S. Paulo, no Maranhão, no Pará, no Amazonas, da praia á montanha erguendo um só altar. De pé, no púlpito, os braços abertos, os olhos em chama, eu vejo pregar o Padre Antonio Vieira, — palavra tão clara duma alma tão grande, que dentro dela,

no mesmo amor, se fundiu Brasil e Portugal! Vejo, no primeiro arranco do heroísmo nacional, os duros soldados, Camarão, Negreiros, Dias, — todo o sangue da terra, — atirando o Holandês desde Guararapes á campina do Taborda! Bandeiras soltas ao vento, voai, que o mundo é agora maior e é mais vasto o céu!

Oh! a epopeia dos bandeirantes, entrando pelo infinito sertão bravio sob a noite dos matos! Em história alguma se encontra pagina mais forte, mais alto exemplo de tenacidade e dureza. Oiro, diamantes iam buscar; mas deixaram abertas estradas de oiro, e fazendas, povoados, vilas, cidades que para traz ficaram, valem agora mais que os sonhados diamantes!

Perderam-se as bandeiras, ganhou-se o sertão... E o sertão é livre. Na terra escrava o homem era escravo. Agora, dum cabo ao outro do mundo, todos os homens abrem os olhos á luz e á vida. E folgo de proferir estas palavras no dia em que celebrais o aniversario da abolição da escravatura. Evoco a nobre figura da Santa Princesa Regente e lembro o nome altissimo de Castro Alves,

que, no dizer perfeito de Ruy Barbosa, *"encarnou artisticamente nos seus cantos o grande pensamento da sua epocha"*.

Dia memoravel! Nem uma só gota de sangue manchou a claridade dos corações. A lei libertadora é apenas a acção escrita dos senhores de escravos. Sem a prodigalidade das suas cartas de manumissão, não teria sido assim fácil o auto emancipador.

O' terra brasileira, seara eternamente em flôr, cheia de luz e cheia de alegria, pelo fino leque das palmeiras refrescada, e cantada pela voz sonóra das altas cachoeiras! Terra de beleza, qual a palavra ardente, e como o sol luminosa e viva, que exprima tudo o que os olhos vêem? O meu encanto só o diria eu se a flôr de uma palavra nova em seu perfume condensasse o mar, o céu e a terra de Portugal!